

**Trajectoria da regionalização da televisão no Nordeste:
A (re)configuração das redes nacionais na região**

**Trajectory of television regionalization in the Northeast:
The (re)configuration of national networks in the region**

Francisco das Chagas SALES JÚNIOR¹
Valquíria Aparecida Passos KNEIPP²

Resumo

Este artigo buscou compreender como se deu a formação das redes regionais de televisão no Nordeste brasileiro e a atuação das redes nacionais na região, para entender o processo de regionalização da mídia no país. Para isso, foi realizado um Estudo de Caso (YIN, 2015) com as cinco maiores redes de emissoras do país: TV Globo, SBT, Record TV, Band e TV Cultura. Foram realizadas pesquisas bibliográfica e documental, além de consultas aos atlas de cobertura dos canais analisados, sites, redes sociais e portais de notícias. O problema da pesquisa buscou responder como se configuram as grandes redes de TV no Nordeste. Essa investigação se justifica pela necessidade de identificar e analisar elementos e práticas sociais presentes na televisão regional. Diante disso, foi possível verificar a existência de grupos com atuação além dos limites dos estados e da região, além de interesses políticos e empresariais envolvidos no controle da mídia e na concentração de propriedade.

Palavras-chave: Televisão. Regionalização. Redes regionais. História da Mídia. Nordeste.

Abstract

This article sought to understand how the formation of regional television networks in the Brazilian Northeast and the performance of national networks in the region took place, in order to understand the process of regionalization of the media in the country. For this, a Case Study (YIN, 2015) was carried out with the five largest networks of broadcasters in the country: TV Globo, SBT, Record TV, Band and TV Cultura. Bibliographic and documental research were carried out, as well as consultations with the coverage atlas of the analyzed channels, websites, social networks and news portals. The research problem sought to answer how the large TV networks in the Northeast are configured. This investigation is justified by the need to identify and analyze elements and social practices present in regional television. In view of this, it was possible to verify the existence of groups operating beyond the limits of states and the region, as well as political and business interests involved in media control and concentration of property.

Keywords: TV. Regionalization. Regional networks. Media History. North East.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: jornalistafranciscojunior@gmail.com

² Pós-doutora em Comunicação pela Unesp-Bauru. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: valquiriakneipp@yahoo.com.br

Introdução

Quando foi inaugurada no Brasil, em 1950, a televisão era produzida e transmitida de forma local, com o sinal restrito à cidade onde estava sediada. Foi assim com TV Tupi de São Paulo, primeira emissora instalada no país, que tinha sua programação voltada apenas para a população da capital paulistana (BARBOSA, 2010). Apenas na década de 1960, ao mesmo tempo em que ainda buscava implantar emissoras locais em todos os estados, é que a TV brasileira daria os primeiros passos para a integração da programação e formação das primeiras redes nacionais de TV.

O uso do videoteipe, a partir de 1965, contribuiu nesse sentido, uma vez que programas produzidos em determinada cidade ou estado poderiam ser gravados e, posteriormente, distribuídos para outras partes do Brasil. De acordo com Ihitz e Cunha (2017, p. 10), “surgia ali mais um fator de competição entre as tevês para reproduzir programas produzidos no Rio de Janeiro e São Paulo”. No entanto, esses conteúdos não eram transmitidos de forma simultânea ou sincronizada. Eram veiculados em dias e horários diferentes, dependendo da grade de programação das emissoras locais.

O desenvolvimento proporcionado pelo videoteipe permitiu, por exemplo, que as emissoras dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, pudessem compartilhar programas, unificando conteúdos e reduzindo custos de produção. O grupo é considerado o primeiro conglomerado televisivo brasileiro, com tevês instaladas em todas as regiões (MATTOS, 2010). Apesar disso, a programação não era nacional, transmitida igualmente para todos os estados, pois variava de uma emissora para a outra.

A consolidação das redes de televisão só aconteceu a partir da instalação do sistema de micro-ondas da Embratel, que permitiu uma ligação mais dinâmica entre as emissoras (PERUZZO, 2005). Além disso, as transmissões via satélite permitiam que as tevês pudessem integrar ainda mais as suas programações. “O Brasil ingressava na era da comunicação espacial. As ligações por micro-ondas e as transmissões via satélite possibilitavam a integração nacional e aproximação com o restante do mundo. Tornava-se, enfim, viável a formação de redes de TV” (REZENDE, 2000, p. 109).

Por tanto, nesse contexto de instalação de uma infraestrutura básica de telecomunicações, foram criadas as condições necessárias para a produção e exibição do primeiro telejornal transmitido de forma simultânea para vários estados do país. Em 1º de setembro de 1969, entrava no ar a primeira edição do Jornal Nacional (MATTOS, 2010).

A partir desse momento, a TV Globo começava a se consolidar como a maior rede de televisão, realmente integrada com as emissoras afiliadas espalhadas pelo Brasil.

É importante destacar que os investimentos do Governo Federal em telecomunicações estão inseridos em um momento da Ditadura Militar, em que se buscava o desenvolvimento econômico e a integração nacional por meio da televisão (MATTOS, 2010). Apesar do desenvolvimento vivenciado pela TV nesse período, o país vivia sob um regime ditatorial, que suspendeu direitos democráticos e impôs censura a toda forma de expressão. Por tanto, para Abrantes (2004, p. 8), “o sistema de redes foi criado durante a ditadura militar, para melhor poder controlar os conteúdos”.

Com o desenvolvimento tecnológico, a integração dos grupos televisivos e o início do processo de redemocratização, a televisão brasileira chegou em meados da década de 1980 com quatro redes comerciais operando em escala nacional: TV Globo, SBT, TV Manchete e TV Bandeirantes (MATTOS, 2010). Essas emissoras transmitiam seus sinais por meio das emissoras afiliadas e com o apoio de satélite, ampliando o alcance da programação nacional ao mesmo tempo que ampliavam a participação regional nos telejornais e programas nacionais.

Nesse contexto, este artigo buscou compreender a atuação das redes de televisão no âmbito regional, com recorte espacial na região Nordeste e tendo como objeto empírico as emissoras próprias e afiliadas das cinco maiores redes de televisão do Brasil na atualidade: TV Globo, SBT, Record TV, Band e TV Cultura. Esses grupos foram escolhidos devido a quantidade de canais que possuem.

O instrumental metodológico contou com pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2010), com revisão da literatura existente sobre a temática estudada, e análise documental (CELLARD, 2008). Foram identificados e analisados os atlas de cobertura das emissoras pesquisadas, disponíveis nos portais das redes de televisão. Além disso, foram feitas consultas a arquivos de vídeos, redes sociais, sites oficiais e portais de notícias. Diante disso, esta investigação se configura como um Estudo de Caso (YIN, 2015) sobre a formação das redes regionais de televisão na região Nordeste.

O presente estudo se justifica pela necessidade de compreender melhor como se deu a formação das redes de televisão no Brasil, especialmente os grupos regionais formados no Nordeste, bem como os elementos e as práticas sociais que permeiam esse processo de regionalização midiática. A investigação se mostra relevante ainda por

contribuir para ampliar o conhecimento sobre a temática, ainda pouco explorada e carente de estudos mais aprofundado e análises críticas sobre o assunto.

A presença das redes nacionais no Nordeste

No Nordeste, as cinco maiores redes nacionais de televisão estão presentes na região por meio tanto de emissoras próprias quanto de afiliadas, que são responsáveis por levar a programação aos lares nordestinos e produzir conteúdo local/regional. A Rede Globo é a que possui a maior quantidade de TVs (23), conforme Quadro 1, elaborado com base nos atlas de cobertura dos grupos televisivos analisados. Em seguida, vem o SBT (12), a TV Cultura (12), a Rede Bandeirantes (11) e a Rede Record (10).

Quadro 1 – Total de emissoras das redes nacionais no Nordeste

Rede	Emissoras
Rede Globo	23
SBT	12
TV Cultura	12
Rede Bandeirantes	11
Rede Record	10

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

A presença de emissoras da TV Globo em todos os estados nordestinos, tanto nas capitais quanto nas maiores cidades do interior, pode ser explicada pelo projeto de regionalização implementado na década de 1980. Para se fortalecer em todas as regiões do país, a rede de televisão implantou uma estrutura própria para acompanhar e auxiliar no desenvolvimento das afiliadas. É o que explica Bazi (2001).

A Rede Globo tinha como meta regionalizar sua programação depois de se fortalecer nas capitais brasileiras. Foi, então, na década de 80, que o projeto de regionalização ganhou força com a implantação, em seu organograma, de um setor específico para atender as suas afiliadas: a CGAE- Central Globo de Afiliadas e Expansão - responsável por viabilizar as emissoras locais em todas as necessidades como: programação, engenharia e jornalismo. (BAZI, 2001, p.4).

Esse projeto buscava expandir o sinal, ampliar a área de cobertura das equipes de jornalismo e atrair novos nichos de anunciantes locais. Afinal, no início da década de 1980 ainda existiam capitais nordestinas que ainda não contavam com a presença da TV

Globo e a programação do canal carioca chegava apenas por meio de antenas retransmissoras (LINS, 2017). São os casos do Rio Grande do Norte e da Paraíba, onde as primeiras geradoras foram implantadas apenas em 1987 (SALES JÚNIOR, 2018).

Apesar de ser a rede nacional com a maior quantidade de emissoras na região, a Globo possui apenas uma geradora própria, que fica em Recife - PE (REDE GLOBO, 2022). A Rede Bandeirantes é que tem o maior número de canais considerados próprios. São oito emissoras que retransmitem a programação da emissora paulista e produz conteúdo regional para o Nordeste e todo o país (BAND, 2022). Em seguida, vem a Record TV com duas emissoras (RECORD TV, 2022). A TV Cultura e o SBT não possuem canais próprios implantados nos estados nordestinos (SBT, 2022; CULTURA, 2022).

Quadro 2 – Emissoras próprias no Nordeste

Rede	Emissoras próprias
Band	8
Record TV	2
TV Globo	1
SBT	0
TV Cultura	0

Fonte: elaborado pelos autores (2022)

Os investimentos da Band em emissoras próprias aconteceram devido a necessidade de fazer o sinal chegar a todos os estados do Nordeste, uma vez que em alguns deles não existiam nem afiliadas. Uma oportunidade de adquirir um canal próprio surgiu em 2007, quando parte da TV Potengi do Rio Grande do Norte, que enfrentava dificuldades financeiras, foi vendida para a o Grupo Bandeirantes de Comunicação (FERNANDES; SANTOS, 2017). Em seguida, a rede paulista assumiu o controle total da afiliada, que passou a se chamar Band Natal e, posteriormente, Band RN.

O principal motivo da compra da TV Potengi pelo Grupo Bandeirantes de Comunicação foi o de promover a expansão do sinal da Band na região Nordeste, que há tempos carecia de afiliadas em três estados (Ceará, Sergipe e Alagoas), através de uma programação que atendesse os gostos da população nordestina em geral. No entanto, apenas Fortaleza e Maceió e cidades adjacentes chegaram a receber o sinal da Band Natal. Na cidade de Aracaju, foi optada a retransmissão do sinal da Band Salvador. (FERNANDES; SANTOS, 2017, p. 206)

A partir desse momento, o Grupo Bandeirantes passou a investir ainda mais na região. Não apenas na expansão do sinal, mas também na criação de uma identidade da emissora paulista com o Nordeste brasileiro. Um exemplo disso é a nomenclatura que os canais nordestinos recebem, sempre unindo o nome da Band ao do estado ou cidade onde está presente, como observamos no Mapa 1, nos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe e Bahia (BAND, 2022).

Mapa 1 – Emissoras da Band no Nordeste



Fonte: elaborado pelos autores (2022)

De acordo com os atlas de cobertura dos grupos de televisão pesquisados, a Record TV é a segunda maior rede nacional com geradoras próprias na região. São duas emissoras, localizadas na Bahia (RECORD TV, 2022). Uma está em Salvador (Record TV Itapoan) e a outra na cidade de Itabuna (Record TV Cabrália). Esses canais já foram afiliados a outras redes, mas após serem vendidos passaram a integrar o grupo paulista, que também optou pela mudança dos nomes, incorporando a marca da rede nacional.

Segundo Aires e Santos (2017), nesse caso, os investimentos em geradoras próprias vão além do desenvolvimento comercial do grupo midiático pela região. Por estarem diretamente ligadas à Igreja Universal do Reino de Deus, comandada pelo bispo Edir Macêdo, também sócio majoritário da Record TV, a compra de novas TVs segue um projeto de expansão da denominação religiosa pelo país. “A rede associativa propiciada pela posse dos meios de comunicação e pela produção e controle da informação é

fundamental para o projeto de comunicação da IURD e diretamente responsável pela rápida expansão da entidade nacionalmente (AIRES; SANTOS, 2017, p. 109).

Além das presenças, também se torna importante observar as ausências. Das cinco redes nacionais pesquisadas, o Sistema Brasileiro de Comunicação é a única que não tem emissoras (afiliadas ou próprias) em todos os estados. Em Sergipe, o sinal do canal paulista, pertencente a Silvio Santos, chega aos telespectadores por meio de antenas retransmissoras ou de satélites (SBT, 2022). Isso acontece porque, em 2006, a TV Atalaia, que era afiliada da emissora no estado, assinou contrato de filiação com a Record TV e, desde então, deixou de transmitir a programação do SBT para os sergipanos.

Por tanto, ao verificar as presenças, as ausências e a expansão das redes nacionais em território nordestino, verificamos motivações e situações que contribuíram para que esse processo ocorresse na região. Seja por questões comerciais, por necessidade de ampliação do alcance do sinal ou por questões ideológicas e políticas, o fato é que foram decisivas para que os telespectadores do Nordeste pudessem ter acesso à programação das maiores emissoras de televisão do Brasil, que estão sediadas na região Sudeste.

A (re)configuração de redes regionais nordestinas

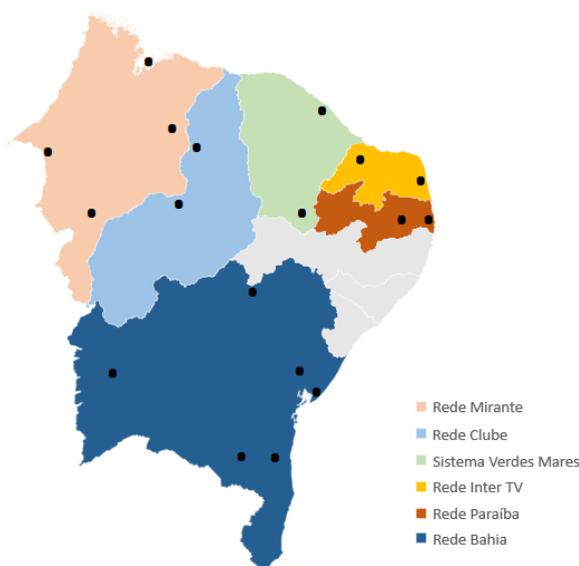
Ao analisar a regionalização da televisão no Nordeste, de início, é possível identificar a formação de redes exclusivamente regionais. São grupos formados por duas ou mais emissoras, responsáveis por levar a programação das redes nacionais e por produzir o conteúdo que será veiculado localmente ou mesmo nacionalmente. Na atualidade, é possível observar a atuação de pelo menos oito sistemas de comunicação que atuam regionalmente, conforme verificamos no Quadro 3, abaixo.

Quadro 3 – Redes regionais nordestinas

Rede	Emissoras
Rede Bahia	6
Rede Mirante	4
Sistema Opinião	4
Sistema Difusora	3
Rede Inter TV	2
Rede Clube	2
Sistema Verdes Mares	2
Rede Paraíba	2

Fonte: elaborado pelos autores (2022)

A maior rede regional do Nordeste é a Rede Bahia, que conta com seis emissoras presentes tanto na capital baiana quanto em grandes centros urbanos e cidades do interior (REDE GLOBO, 2022). O canal fundado pelo ex-governador Antônio Carlos Magalhães é afiliado da TV Globo desde 1987 (SALES JÚNIOR, 2018). O segundo maior grupo de televisão da região também é afiliado à Globo. A Rede Mirante, do Maranhão, possui quatro emissoras (REDE GLOBO, 2022), que retransmitem a programação nacional e produz conteúdo local para a população maranhense. O Grupo Globo conta ainda com outras quatro redes regionais nordestinas, com duas emissoras locais cada, nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, como podemos observar no Mapa 2.

Mapa 2 – Redes regionais da Rede Globo no Nordeste

Fonte: elaborado pelos autores (2022)

Identificamos que nos estados que contam com apenas duas emissoras, geralmente, elas estão sediadas na capital e na segunda maior cidade dessas unidades da federação. O que comprova a implantação estratégica dos canais de TV, não apenas para a expansão do sinal, mas também como forma de aproximação com o telespectador local e para contribuir com a criação de uma identificação deles com a programação regional, além de poder explorar novos mercados e atrair mais anunciantes nos grandes centros.

Nos estados maiores, do ponto de vista territorial, verificamos que a quantidade de emissoras é maior do que nos demais. Isso se explica, em parte, pela necessidade de levar o sinal a maioria das cidades e de garantir a cobertura jornalística dessas localidades. Por isso, Bahia e Maranhão, que possuem 417 e 217 municípios, respectivamente, tem em seus territórios mais canais que estados menores como Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe, que possuem, respectivamente, 167, 102 e 75 municípios.

No Maranhão, o Sistema Difusora de Comunicação se destaca como uma das maiores redes de televisão nordestinas. São três emissoras de TV, afiliadas ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT, 2022) e sediadas em São Luís, Imperatriz e Caxias, conforme observamos no Mapa 3. Além de ser um dos maiores grupos de comunicação do Nordeste, é o mais antigo do estado. Afinal, a TV Difusora de São Luís foi a primeira emissora local maranhense, fundada em 1963 (DOUGLAS, 2011). Na época, pertencia aos Diários Associados, do jornalista e empresário Assis Chateaubriand.

Mapa 3 – Emissoras do Sistema Difusora

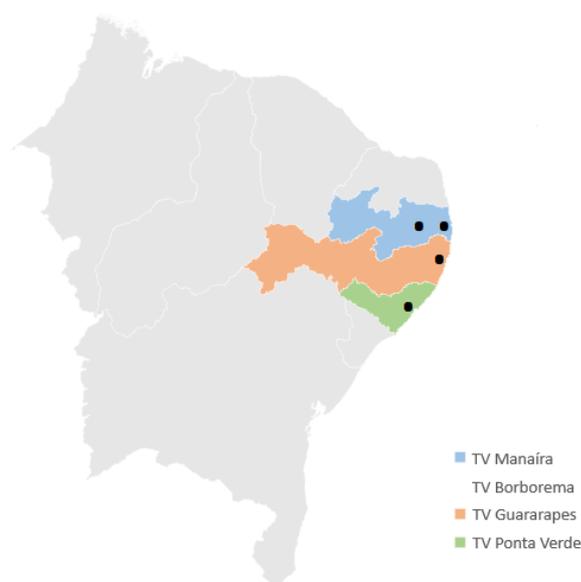


Fonte: elaborado pelos autores (2022)

Apesar de a maioria das redes se concentrarem em um único estado, também verificamos outras situações. A Rede Inter TV que, por exemplo, além das duas emissoras no Rio Grande do Norte (Natal e Mossoró), possui outros seis canais nos estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. O grupo do empresário Fernando Camargo se configura como uma rede regional, no entanto com atuação multiterritorial, como descreve Aguiar (2016, p. 130) ao explicar que esse tipo de organização “diz respeito aos grupos que atuam em estados não contíguos (o que corresponde às “regiões descontínuadas ou em rede”) ou em áreas de fronteiras do Brasil com outros países da América do Sul”. Nesse caso, as emissoras da Inter TV no Nordeste atuam regionalmente, no entanto fazem parte de um grupo que tem negócios e programação em regiões diferentes do Brasil.

Outra situação verificada é a do Sistema Opinião de Comunicação, que possui três emissoras em diferentes estados nordestinos (Alagoas, Paraíba e Pernambuco), conforme o Mapa 4. Essa organização empresarial dos veículos de comunicação é o que Aguiar (2016, p. 129) define como um grupo com atuação regional-supraestadual, uma vez que a atuação do grupo midiático ultrapassa “os limites do seu Estado de origem para estados contíguos”. Nesse caso, os canais estão em localidades da mesma região, mas em unidades da federação distintas, com públicos diferentes.

Mapa 4 – Emissoras do Sistema Opinião



Fonte: elaborado pelos autores (2022)

Além disso, as emissoras do Sistema Opinião de Comunicação estão afiliadas a redes nacionais diferentes. Em Alagoas, a TV Ponta Verde (Maceió) e, na Paraíba, a TV

Borborema (Campina Grande) são afiliadas do SBT. Ainda no estado paraibano, a TV Manaíra (João Pessoa) é ligada a Rede Bandeirantes. E em Pernambuco, a TV Guararapes (Recife) é afiliada a Record TV. Ou seja, são canais concorrentes sob o comando do mesmo proprietário, mas características e linhas editoriais diferenciadas.

A configuração das redes regionais nordestinas, mostra não apenas os elementos presentes na produção midiática regional e as práticas sociais que permeiam a atuação delas na região. Também nos ajuda a compreender melhor os contextos nos quais esses veículos estão inseridos. O fato de esses grupos atuarem em estados e regiões diferentes revela interesses que vão além da expansão dos negócios e do sinal das emissoras de TV.

Donos das redes regionais

Investigar a formação das redes regionais de televisão no Nordeste passa necessariamente, ou inevitavelmente, pelo estudo da propriedade dos grupos midiáticos na região. Afinal, grande parte deles está nas mãos de políticos e de suas famílias ou de aliados, que utilizam os meios eletrônicos, como TV e rádio, para atender interesses diversos. Lima (2000) explica que esse modelo de comunicação social é reflexo da sociedade na qual está inserido.

Esse modelo dos meios de comunicação tão enraizado aos poderosos no Nordeste, que se auto-denomina o poder dos “coronéis”, demonstra a estrutura da sociedade local, ligada à questão do desenvolvimento, que repercute na organização da comunicação social. Portanto a estrutura da comunicação social reflete a estrutura e o desenvolvimento de cada sociedade. (LIMA, 2000, p. 73)

Esse controle da mídia e disputa de poder na região fica ainda mais evidente quando identificamos quem foram os fundadores das maiores redes de televisão regionais nordestinas. No Quadro 4, abaixo, é possível verificar iniciativas empreendedoras de empresários que decidiram investir em emissoras de televisão como forma de expandir e diversificar os negócios. No entanto, a grande maioria é de políticos que encontram nesse veículo uma forma de atender interesses eleitorais. “As empresas de comunicação controladas por políticos não atendem necessariamente às lógicas usuais de mercado...Os veículos de comunicação sob sua influência são financiados por anúncios publicitários governamentais e os veículos de comunicação governamentais sob sua gestão pelas verbas públicas (AIRES; SANTOS, 2017, p. 62).

Quadro 4 – Fundadores das emissoras pioneiras das redes regionais

Rede/Emissora	Fundador	Profissão/ocupação
Rede Bahia (TV Bahia)	Antônio Carlos Magalhães	Político
Rede Mirante (TV Mirante)	José Sarney	Político
Sistema Opinião (TV Ponta Negra)	Carlos Alberto de Sousa	Político
Sistema Difusora (TV Difusora)	Assis Chateaubriand	Político e empresário
Rede Inter TV (TV Cabugi)	Aluizio Alves	Político
Rede Clube (TV Clube)	Valter Alecar	Empresário
Sistema Verdes Mares (TV Verde Mares)	Edson Queiroz	Empresário
Rede Paraíba (TV Cabo Branco)	Milton Bezerra Cabral	Político

Fonte: elaborado pelos autores (2022)

Os casos da Rede Bahia e da Rede Mirante, ambas com emissoras afiliadas da TV Globo, exemplificam bem a concentração de propriedade existente no Nordeste. Os dois grupos foram fundados por políticos com grande influência regional e nacional. Na Bahia, Antônio Carlos Magalhães foi governador, se elegeu senador e chegou a ocupar cargos importantes no Governo Federal, como o de ministro das comunicações. No Maranhão, José Sarney seguiu caminho semelhante, uma vez que também foi governador do estado de origem, senador e chegou a ser presidente da República Federativa do Brasil.

Outro fator importante, em ambos os casos, é a disputa por afiliadas da TV Globo na região. Até 1987, a TV Aratu era que retransmitia o sinal da emissora carioca na Bahia. No Maranhão, até 1991, a responsável por exibir a programação do canal da Família Marinho era a TV Difusora (SALES JÚNIOR, 2018). No entanto, após mudanças mal esclarecidas, as duas emissoras deixaram de integrar o Grupo Globo.

Sobre a transferência da emissora maranhense, Douglas (2011) aponta que a mudança ocorreu por influência do grupo de José Sarney, que usou o poder político e econômico que detinha na região e junto ao proprietário da TV Globo, Roberto Marinho. A estratégia era enfraquecer, tanto politicamente quanto financeiramente, a família Bacelar, que desde 1972 detinha o direito de retransmissão da TV Globo no estado.

A partir de vários elementos, prova-se que a transferência da retransmissão da Rede Globo, sob direito da TV Difusora, para a TV Mirante, em 1º de fevereiro de 1991, foi um processo planejado, longo e decidido no núcleo autêntico da família Sarney, a fim de manter-se em situação confortável de controle político e econômico do sistema midiático maranhense. (DOUGLAS, 2011, p.16)

Ainda de acordo com Douglas (2011), o plano era fazer com que os proprietários da TV Difusora, se vendo mergulhados em dívidas e enfraquecidos no cenário político local, não tivessem outra saída a não ser ceder os direitos de afiliação da Rede Globo. Com isso, em 1991, a TV Mirante assume como afiliada da TV Globo no Maranhão.

Na Bahia, os telespectadores recebiam a programação nacional da Globo e assistiam aos programas locais por meio da TV Aratu. No entanto, em 1987, em pleno processo de redemocratização no Brasil, a TV Globo rescindiu o contrato com a emissora baiana (MATOS et al, 2015). A partir daí, a TV Bahia, de Antônio Carlos Magalhães, passou a ser afiliada do canal carioca no estado.

De acordo com Matos et al. (2015), tal mudança teria sido acertada com o proprietário do Grupo Globo, Roberto Marinho, aproveitando as dificuldades financeiras enfrentadas pelo grupo proprietário da TV Aratu e os interesses do grupo de Marinho com o Governo Federal.

Se a Rede Globo será protagonista no processo da construção imaginária de um país moderno e integrado, a transferência da concessão de transmissão da Rede Globo que passa à TV Bahia, em 1987, deixando para trás 18 anos de vínculo entre a TV Aratu e a “Vênus Platinada” é, mais uma vez, um lance importante neste complexo jogo de dominação articulando poder político e poder simbólico (MATOS et al., 2015, p.121).

Essa mudança ocorreu, primeiramente, porque na época não havia uma regulamentação transparente da radiodifusão em relação ao credenciamento e descredenciamento das emissoras. As decisões sobre esse assunto eram de responsabilidade do presidente da República (MATTOS, 2010). Na época dessa transferência de propriedade na Bahia, José Sarney ocupava a presidência e Antônio Carlos Magalhães era ministro das comunicações. O que evidencia o uso de cargo público para atender interesses políticos por meio da concessão de uma emissora de TV.

Para Aires e Santos (2017), quando ligamos os veículos de comunicação que integram o Grupo Globo aos cargos públicos exercidos por seus proprietários e/ou fundadores, passamos a compreender melhor a disputa por afiliadas da emissora carioca.

Percebemos que é a única rede de televisão que teve ex-presidentes e ministros entre os seus afiliados. Entendendo que a maior parte dos políticos afiliados ao grupo são senadores, o espaço relativo e o espaço de representação dessa rede é ampliado em relação as outras, que podem ter mais vereadores e prefeitos como afiliados. (AIRES; SANTOS, 2017, p. 70)

Aperar do controle de políticos sobre os meios de comunicação, também é possível verificar o poder econômico de grupos empresariais que decidiram investir na mídia para diversificar e expandir os negócios. É o caso do empresário Edson Queiroz, fundador do Sistema Verdes Mares, no Ceará. O grupo é o maior do estado e possui duas emissoras afiliadas à TV Globo, além de um conglomerado de comunicação que, além de canais de TV, possui rádios, jornais impressos e portais de notícias (LIMA, 2010).

Outro exemplo de rede regional de TV, pertencente a um grupo empresarial, é o Sistema Opinião de Comunicação, ligado à operadora de planos de saúde Hapvida e que possui quatro emissoras de TV no Nordeste. De acordo com Aguiar (2016), os investimentos em televisão começaram em 2014 com a compra da TV Ponta Negra³ (RN) e TV Ponta Verde (AL). Em seguida, em 2015, os Diários Associados venderam para o empresário cearense Cândido Pinheiro o controle acionário de seis empresas de comunicação sediadas no estado da Paraíba, entre elas a TV Manaíra e a TV Borborema.

Com essa “regionalização midiática”, o COC passa a disputar a hegemonia regional com os tradicionais Sistema Verdes Mares (CE), Sistema Jormal do Comercio de Comunicação (PE) e Rede Bahia, que sempre tiveram prestígio no Nordeste, apesar de concentrarem a maior parte de suas atividades midiáticas no âmbito dos respectivos estados. Há indícios de que o maior interesse do Hapvida no setor da comunicação é a televisão regional. (AGUIAR, 2016, p. 148)

Portanto, seja econômico ou político, os interesses particulares estão presentes no processo de formação das redes regionais de televisão, o que comprava o poder e influência que esses grupos adquirem ao investir na compra e administração de emissoras afiliadas a redes nacionais de TV, especialmente do Grupo Globo.

Considerações finais

Ao analisar a presença das redes nacionais no Nordeste, foi possível verificar a importância estratégica das cinco maiores emissoras do país estarem presentes na região, seja com emissoras próprias ou com afiliadas. Não é questão apenas de fazer expandir o sinal, mas também de criar identificação dos telespectadores com a programação, além de produzir conteúdo local e, ainda, lucrar com o mercado publicitário nordestino.

³ Em 2021, a TV Ponta Negra foi vendida e voltou a ser administrada pela família do ex-senador Carlos Alberto de Sousa, fundador da emissora, que havia vendido a empresa para o Grupo Hapvida, em 2014. Com isso, a afiliada do SBT no Rio Grande do Norte deixou de integrar o Sistema Opinião de Comunicação.

Na ausência de afiliadas ou por necessidade de expansão do sinal, a implantação de emissoras próprias se torna questão de sobrevivência perante as concorrentes. A exploração de novos mercados e atração de mais anunciantes justificam os investimentos feitos na região, como foi possível verificar na Rede Bandeirantes de Comunicação, que atualmente é a que mais possui canais próprios, com o atual cenário reconfigurado.

A hegemonia do Grupo Globo, que detém a maior quantidade de emissoras no Nordeste, se configura na comparação com as demais e na constatação de que é a rede que concentra o maior número de redes regionais formadas e consolidadas. O que comprova a representatividade que a empresa ainda mantém, a disputa de poder na região, a concentração de propriedade e o controle dos veículos de comunicação por políticos.

A identificação das redes regionais também expõe os limites de atuação da televisão regional, que ainda não estão bem definidos. Nem pela legislação, nem conceitualmente pelos estudiosos no assunto, muito menos na prática. Foram verificados grupos televisivos que atuam em estados diferentes, outros fora da região de origem e, até mesmo, com emissoras afiliadas a redes de TVs concorrentes, apresentando um cenário disforme na constituição uma micro ecologia das redes nordestinas.

Por fim, ao realizar este estudo, foi possível compreender como se (re)configuram as redes regionais de televisão e entender as práticas sociais que permeiam o processo de regionalização da TV no Brasil. No Nordeste, a influência política ainda é maior do que a econômica, tendo em vista que a maioria das emissoras ainda são de propriedade de políticos. O que se espera é que esta investigação possa servir de base para novos estudos, contribuindo assim para o desenvolvimento do conhecimento sobre a TV nordestina.

Referências

AGUIAR, Sonia. **Território do jornalismo**: geografias da mídia local e regional no Brasil. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio, 2016.

AIRES, Janaine.; SANTOS, Suzy. dos. **Sempre foi pela família**: mídias e políticas no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.

BAND. **Atlas de cobertura**. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://comercial.band.com.br/atlas>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

BARBOSA, Marialva Carlos. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO; Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Orgs). **História da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. **TV Regional: trajetória e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2001.

CELLARD, André. A análise documental. In: J. Poupart, et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CULTURA. **Cobertura**. São Paulo, 2022. Disponível em: <<http://homolog.tvcultura.com.br/cobertura/>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

DOUGLAS, Franklyn. **Mídia eletrônica, controle social e poder econômico: particularidades da concessão da TV Difusora/Rede Globo no Maranhão**. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas), São Luís, Universidade Federal do Maranhão, 2011. Disponível em: <<https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/851/1/DISSERTACAO%20FRANKLIN%20DOUGLAS.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

FERNANDES, Gustavo dos Santos; SANTOS, Emanuel Leonado dos. **Os deslocamentos da história: da TV Potengi à Band Natal**. In: KNEIPP, Valquíria A. P. **Trajетória da televisão no Rio Grande do Norte: a fase analógica**. Rio Grande do Norte: Edufrn, 2017.

IHITZ, Greetchen Ferreira; CUNHA, Ricardo Ramos Carneiro da. **TV Sul Programas: fragmentos sobre a história da televisão no Rio Grande do Sul**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. Anais [...] São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0895-1.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

LIMA, Maria Erica de Oliveira. **Mídia regional: Indústria, mercado e cultura**. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2010.

LIMA, Maria Erica de Oliveira. **Neo-coronelismo na mídia nordestina**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

LINS, Aline Maria Greco. Quando a televisão ainda era uma aventura no nordeste brasileiro. In: KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos (Org.). **Trajетória da televisão no Rio Grande do Norte: a fase analógica**. Rio Grande do Norte: Edufrn, 2017.

MATOS, Rita de Cássia Aragão. et al. Bahia: outros cenários – trajetória da televisão (1960-1985). In: MATOS, Rita de Cássia Aragão (org.). **Temas Contemporâneos: algumas reflexões sobre cultura, comunicação e consumo**. Salvador: EDUFBA, 2015.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. Petrópolis: Editora Vozes, 5. ed. rev. e ampl, 2010.

PERUZZO, Cicilia. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências**. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, v. 26, n. 43, p. 67-84, 2005. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/8637/6170>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

RECORD TV. **Atlas de cobertura**. São Paulo, 2022. Disponível em: <<http://comercial.recordtv.com.br/atlas-de-cobertura/>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

REDE GLOBO. **Cobertura**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Brasil.aspx>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SALES JÚNIOR, Francisco das Chagas. A televisão no nordeste brasileiro: um estudo de caso da trajetória da Rede Globo nas capitais nordestinas. In: Encontro Nordeste de História da Mídia, 5., 2018, Recife, Pernambuco. Anais eletrônicos. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/nordeste/2018-5o-encontro/gt-6-2013-historia-das-midias-audiovisuais/a-televisao-no-nordeste-brasileiro-um-estudo-de-caso-da-trajetoria-da-rede-globo-nas-capitais-nordestinas/view>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

SBT. **Atlas de cobertura**. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://sbtnegocios.com.br/midia/atlas>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5 ed.. Porto Alegre: Bookman, 2015